

O QUE FAZ UM PROFESSOR? SOBRE UM LUGAR DE PALAVRA NOS SONHOS DA NAÇÃO.

Andressa Mattos Salgado Sampaio

andressa_salgado@usp.br

O que trago aqui não é novo, é um esboço da reflexão que venho construindo no campo da educação, mais especificamente da formação de professores, mas, acredito que a psicanálise pode nos ajudar a renovar velhas questões que compõem a problemática desse campo, por nos lembrar que o elemento principal que anima quem ensina e quem aprende *é um lugar simbólico investido de desejo*.

Tomo essa referência como ponto disparador para essa reflexão, justamente por que me debruço a pensar - O que faz um professor? A resposta a essa pergunta pode parecer algo óbvio para alguns - O professor ensina. Mas, se olharmos essa pergunta para além do óbvio, se abirmos espaço para indagarmos as contradições e nuances presentes na questão – *o que faz um professor?* – encontraremos pelo menos três desdobramentos: *O que faz um professor* no sentido do que *o move* no cotidiano da vida escolar, como *um alguém*, um sujeito. *O que faz um professor* no sentido da função simbólica dessa profissão milenar, do lugar simbólico que a educação escolar ocupa na vida pública, nos sonhos de uma nação. E ainda, *O que faz de alguém um professor*, no sentido do percurso formativo de alguém que deseja se tornar professor. E ao mesmo tempo, essa última indagação se desdobra em outra, que é a da formatação, é possível “fazer ou fabricar um professor?”.

Tais nuances implícitas na questão principal - *o que faz um professor*, também tem me levado a indagar *os nomes do professor*, que variam conforme o lugar simbólico que a figura do professor ocupa no imaginário e fundamenta as tramas discursivas que fundam a nossa ideia de nação, de povo brasileiro. Nossas origens como povo, nosso mito fundador, a história da escolarização pública, a história da formação de professores fundamentada no discurso psicopedagógico hegemônico, a estrutura e funcionamento da lógica escolar pautada na perspectiva neoliberal, são todas fontes para tal análise que nos remetem a alguns nomes ou figuras do que vem a ser um professor, que são idealizadas,

parametrizadas e formatadas conforme o sonho ou pesadelo oficial que se vive em nosso país.

Essa não é uma mera coincidência, já que, para que um professor possa supor na criança um aprendiz, isto é, que seu aluno é alguém capaz de aprender algo, é preciso que ele mesmo, o próprio professor sustente uma posição desejante, que dará condições para o estabelecimento de uma relação de transferência. Por isso, tomo como condição fundamental para que o professor possa fazer resistência às investidas autoritárias e tecnicistas que permeiam a trama social discursiva no campo escolar, a possibilidade de que também possa, enquanto representante do mundo público, e por isso, mais um e não um solitário, contar com um lugar simbólico investido de desejo.

Muito embora exista a crença na figura individual, técnica e heroica do professor, procuro em minha investigação, mostrar que o que um professor faz ou pode fazer, não se *faz sozinho*, a escolarização é um sintoma social. O que se passa na escola é o extrato fiel da balança do sonho ou pesadelo se vive na vida cotidiana de um povo (SAMPAIO, A. .

Por isso, ao que me parece, para aprofundar essa reflexão é imprescindível fazer uma marcação geográfica, política e social. Especialmente por vivermos tempos sombrios no Brasil no que diz respeito ao sonho democrático de liberdade, igualdade e justiça social. Tempos sombrios que se agravaram nos últimos dois anos, devido ao colapso provocado pela pandemia por COVID-19.

Mais de quinhentas mil mortes oficialmente registradas. 4,8 milhões de crianças brasileiras em situação de extrema pobreza. Professores da rede pública de todo o país tem relatado episódios de crianças e jovens com sintomas físicos de fome, num momento em que o país soma 13,7 milhões de desempregados e a inflação de alimentos acumula alta de mais de 13% nos últimos 12 meses.

Os estragos provocados pelo agravamento da pandemia por COVID-19 no Brasil, e pelo (des)governo atual, incluindo mais de um ano sem escola, são profundos e diversos, e precisarão ser olhados a partir de uma anotação topográfica, já que nesse país de dimensão continental, coexistem realidades sociais extremamente contraditórias em função da localização geográfica, raça, cor, gênero, e alcance da corrupção dos governantes.

Diante desse complexo cenário, me encontro nas palavras do poeta Manoel de Barros, a “sensatez me absurda”. E, na intenção de “aclarar as loucuras”, tento fazer “inconexão”,

escrever sobre as possibilidades de sonhar uma escola digna e um lugar de justiça para crianças e professores, em meio as contradições de um país estruturalmente polarizado, que tritura os sonhos públicos em troca de benefícios privados. Cenário que contemplo com revolta, e que remete a parafrasear Darcy Ribeiro (2016) e acrescentar - o que vivemos hoje no Brasil é uma crise, mas também é um projeto.

Um projeto porque o que se vive no âmbito da educação pública nacional é resultado de decisões de governantes, que dizem, em primeira instância, de como a educação escolar é entendida, haja ou não pandemia. Dizem de qual é o lugar que as crianças, a escola e os professores ocupam nos sonhos da república.

Quando consideramos que o investimento, ou a ausência dele, não só financeiro, mas sobretudo simbólico, de desejo do Outro como representante do campo social, incide na posição do sujeito, entendemos que, o professor e as crianças, numa dialética, sofrem incidências do desejo do Outro que podem participar em sua tomada de posição, suas produções inconscientes, produções sintomáticas, e inclusive, assumem desdobramentos físicos, como por exemplo, a fome que voltou a assolar as crianças em nosso país.

Nesse sentido, por considerar que os professores e as crianças estão imersos num determinado campo social discursivo, é fundamental trazer para a discussão dessa problemática que a forma como cada país cuida, faz, ou deixa de fazer algo por suas crianças, escolas e professores, não é obra do acaso, já que o que está em pauta é o entendimento que se tem em nosso país sobre a experiência escolar, ou de como a educação escolar é entendida.

Em certo sentido, o modo como um país se ocupa das suas crianças, ou vive a vida cotidiana com as crianças, está intrinsecamente relacionado com os rumos da nação. Uso como referência para pensar a experiência educativa a tese de Hannah Arendt, em especial o fator geracional que está no cerne do seu entendimento sobre educação. O mundo e a nossa atitude de responsabilidade em face a ele, assumem a centralidade do pensamento de Arendt sobre política.

Se levarmos em conta que, em Arendt, “a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres nascem para o mundo” (2016, p.222), e que, por sua vez, na natalidade está intrínseca a pluralidade, que é o fundamento para a existência da política (2018, p.21) – sendo essa última, a forma que os homens criaram para compartilhar um mundo comum

(idem, p.24), podemos entender que o que se faz com as crianças e com o mundo são duas faces de uma mesma moeda.

Sustentar a tese de que para que um professor se sinta amparado nessa posição de representante do mundo público é necessário que ele encontre um lugar de palavra nos sonhos da república, significa defender que é preciso conferir no âmbito nacional, à escola e aos professores, um lugar que os autorize e os legitime, ou seja, um lugar em que se possa desejar, em que a sua ação possa ser a expressão da sua autoria e liberdade.

Por isso, não existirá espaço para uma experiência educativa que se preze enquanto não se considerar que a questão de justiça que a escola carrega nada tem a ver com métodos pedagógicos igualitários, mas, emprestando as palavras de Leandro de Lajonquiere, tem a ver com “estofa reservado à palavra escolar nos sonhos da nação” (De Lajonquière 2021, p.35).

A referência de sonhos que tomo aqui, no contexto da educação, reside numa dimensão do que já era qualificada por Freud como sendo impossível. Nesse contexto, os sonhos carregam a não possibilidade de realização total e imediata. Contudo, é em nome dos sonhos, como nos lembra Ernest Bloch (2005), que um povo se movimenta, e se coloca a trabalho em busca daquilo que acredita ser mais justo ou melhor para os seus. Os sonhos abrem o espaço para um futuro possível, filiam os sujeitos a um sentimento coletivo de pertencimento, que transcende o seu próprio tempo, que os filia a uma tradição existencial.

Quando o que movimenta os sonhos na história de um povo são os interesses privados de poucos, há um declínio da própria política, as chances de um emudecimento dos sujeitos aumentam, e o autoritarismo impera. Portanto, a reflexão lançada aqui, é um exercício de pensamento com uma anotação temporal: o que fazemos com isso que segue o seu curso de modo implacável – um projeto de ataque ao ensino público e à experiência educativa?

Não se trata de examinar ideias em termos de utilidade, mas em termos de sentido. Tampouco se trata de trabalhar a serviço de procedimentos para legitimar esse ou aquele caminho, mas para identificar se a partir do que podemos construir aqui nesse espaço de comunicação, podemos pensar algo interessante para a condição intrincada que é a do professor, esteja ele diante de uma crise ou de um projeto de desmonte da educação pública.

Referências

ARENDT, Hannah, (2016). Entre o Passado e o Futuro. [tradução Mauro W. Barbosa], São Paulo Perspectiva – (Debates; 64 / dirigida por J. Guinsburg) 8ª. ed.

BLOCH, E. O princípio da esperança. Tradução, Nélio Schneider, - Rio de Janeiro : EdUERJ : Contraponto, 2005

RIBEIRO, Darcy (2016). Sobre o óbvio/Ensaio insólitos – Rio de Janeiro: Editora Guanabara (esgotado), 1986. 1 ed. digital. São Paulo: Editora Global, 2016.

LAJONQUIÈRE, de L. De um psicanalista na educação. In: Rosado, Janaína e Pessoa, Marcos (Organizadores). As abelhas não fazem fofoca – estudos psicanalíticos no campo da educação – São Paulo: Instituto Langage, 2021, pp.13-37.

SAMPAIO, A. M. S. Quando algo não vai bem na educação: o lugar da escola para todos nos sonhos da república. In: In: Rosado, Janaína e Pessoa, Marcos (Organizadores). As abelhas não fazem fofoca – estudos psicanalíticos no campo da educação – São Paulo: Instituto Langage, 2021, pp. 41-64.